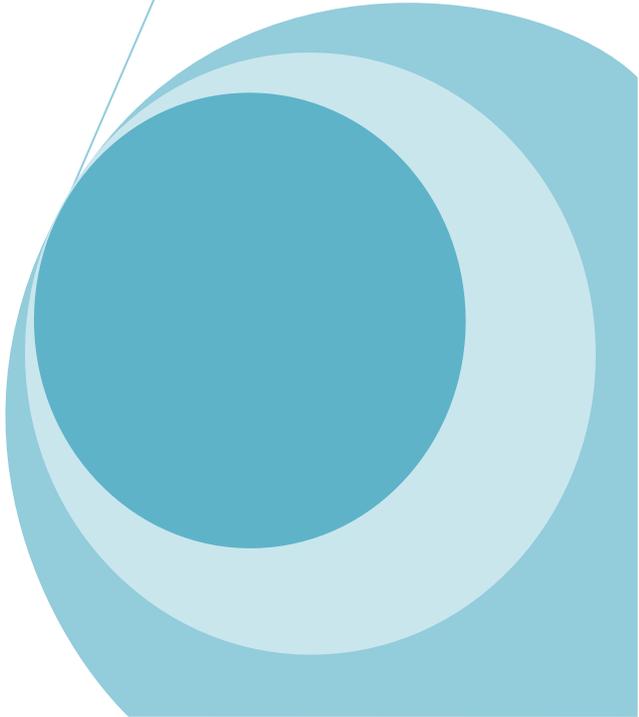


Cenário do Setor - 2014

Avaliação do setor de borracha do Rio
Grande do Sul

São Leopoldo, setembro de 2014





1. Sumário Executivo

2. A economia brasileira em 2014

- ***O setor de borracha no contexto nacional***

3. O Rio Grande do Sul em 2014

- ***O setor de borracha no Rio Grande do Sul***

SUMÁRIO EXECUTIVO

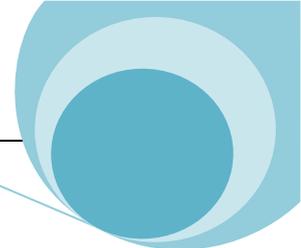
A revisão do cenário macroeconômico brasileiro em 2014 coloca em perspectiva uma economia mais fraca do que se esperava no início do ano. Diversos fatores contribuem para essa visão, mas em destaque a piora nas expectativas de consumidores e empresários em um ambiente onde a atividade produtiva patina e a política econômica fica inerte diante do quadro eleitoral.

Essa transição atingiu diretamente segmentos importantes da cadeia de demanda do setor de Borrachas no Brasil e Rio Grande do Sul, como o automotivo e máquinas e equipamentos. Aliada à deterioração no ambiente nacional, destaca-se a recessão na Argentina, que se arrasta a mais de dois trimestres e culminou em uma forte queda das importações de veículos do Brasil além de vários outros produtos relacionados ao setor de borracha.

O resultado da combinação negativa desses fatores aparece nos diversos números de produção, emprego, horas trabalhadas, exportações e confiança dos empresários do setor. Em vários é possível notar que a retração é até maior do que a presenciada em 2009, com a diferença que naquele momento a economia internacional atravessava uma das suas maiores crises no Pós II Guerra Mundial.

No Rio Grande do Sul o cenário não é diferente. Passados os efeitos positivos da safra no ano de 2013, o resultado recente reflete a perda de dinâmica da economia gaúcha. No primeiro semestre o PIB no Estado cresceu menos que a média do Brasil e, em diversos setores, tanto a retração quanto o nível de atividade são comparáveis ao presenciado em 2009.

Tal como verificado no cenário nacional no setor de Borracha, a queda dos investimentos e das vendas de veículos contribuiu para formar uma demanda menor para o setor. E, da mesma forma, a retração na Argentina representou um duro golpe para os exportadores no Estado.

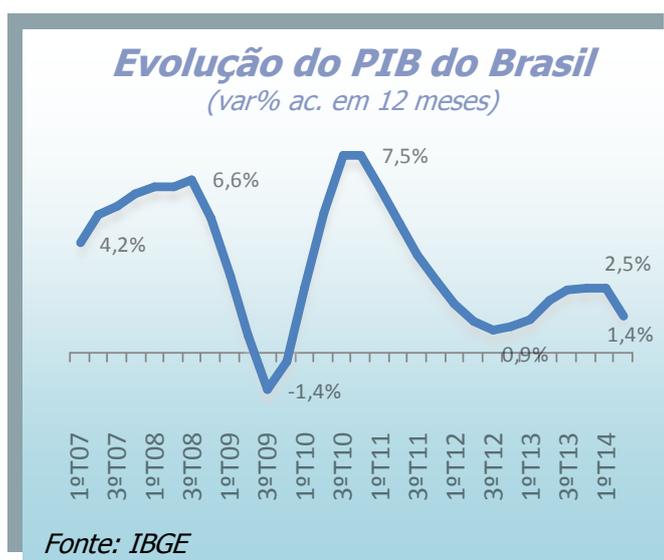


A perspectiva para o Rio Grande do Sul é que o PIB no ano de 2014 fique próximo a zero ou tenha ligeira queda sobre o ano passado. E as desacelerações nos indicadores do setor de Borracha devem continuar para os próximos meses.

A ECONOMIA BRASILEIRA EM 2014

Tal como assinalado por diversos indicadores antecedentes, a divulgação do resultado do PIB do Brasil no primeiro semestre de 2014 revelou um cenário que **é o pior desde a crise de 2009**, quando o mesmo se retraiu 2,5%. Além disso, com a baixa performance do segundo trimestre a economia brasileira consolida a recessão que teve início no final de 2013.

A desaceleração da economia depois dos resultados entre 2010 e 2012 é muito intensa e disseminada entre os diversos setores. Em 2013 chegou-se a ensaiar uma retomada e que levou o PIB a acumular, em 12 meses, 2,5% de crescimento. Porém, essa logo foi revertida, em especial depois do 2º trimestre, quando da queda de expectativa no ambiente da Copa das Confederações, e a nova tendência mostra que o ano deve se encerrar com crescimento próximo de 0,3%.



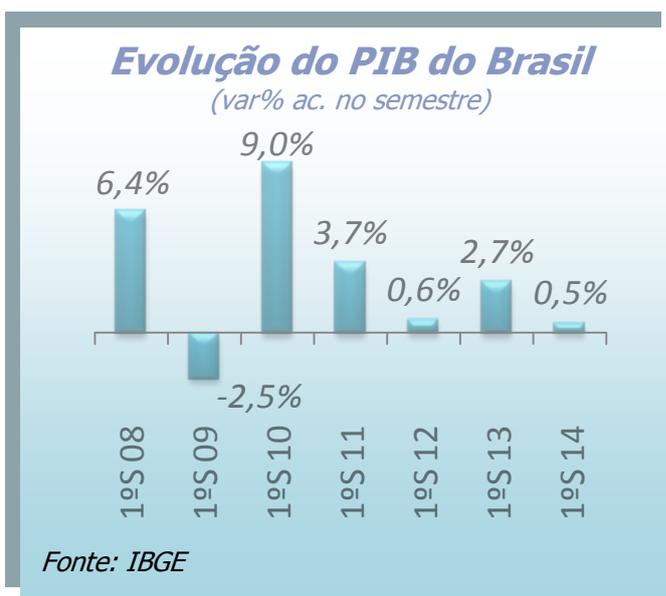
O que mais chama a atenção nesse resultado é a fragilidade do cenário de crescimento com o esgotamento de um modelo que tem sido fundamentado, nos últimos dez anos, na expansão do consumo das famílias, elevação do gasto público e subsídio para o investimento. Desses três componentes do PIB o único que ainda apresenta dinâmica é o **gasto público**.

Tanto o consumo das famílias quanto os investimentos recuaram diante de taxas de juros maiores, elevação dos índices de preços que consome a renda real, menor dinâmica no mercado de trabalho e, tal como era de se

esperar, aumento da incerteza tanto de consumidores quanto de empresários em um **ano eleitoral**.

Uma análise rápida de cada um desses componentes pode lançar luzes sobre o que esperar para os próximos meses. No caso do **consumo das famílias** o resultado de 2010 parece ser claramente um ponto fora da normalidade. A expansão de 7,3% no primeiro semestre daquele ano não se sustentou nos períodos seguintes, e acabou culminando, em 2014, no **pior desde 2004**, quando também ocorreu uma expansão de 1,8%.

Os fatores que nos trouxeram a esse cenário já são bem conhecidos. Em primeiro lugar a menor dinâmica do crédito às famílias em uma composição de elevado comprometimento da renda, custos de empréstimos maiores via taxas de juros e impostos, evolução mais branda da renda real, aumento do medo do desemprego juntamente com queda da confiança.

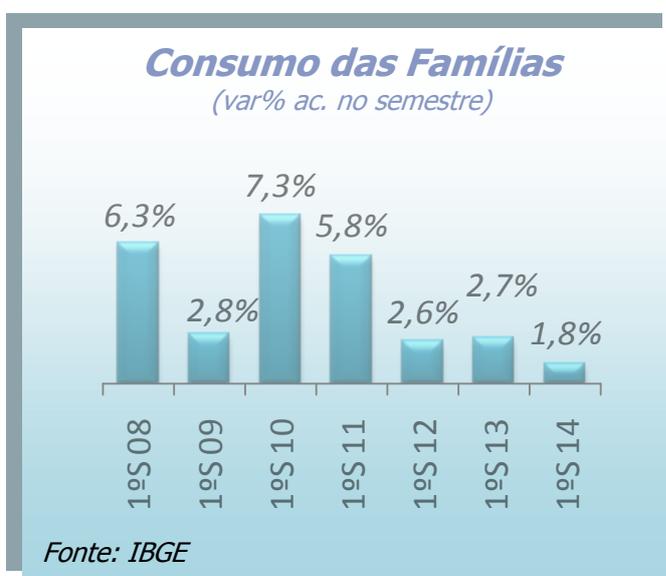


No caso do **Investimento** o cenário é mais problemático. Quando analisamos de um ponto de vista histórico, podemos ver que o comportamento deste tem elevada oscilação. Isso reflete, em grande medida, a ausência de um projeto de longo prazo que crie as condições para que se tenha

crescimento sustentável. Os ciclos de alta são curtos, e para cada semestre de expansão há outro de contração, com essas tão ou mais intensas que os períodos de crescimento da taxa. E de nada adiantou a tese de fomentar um Banco de Investimento com juros subsidiados, e muito menos a realização da

Copa do Mundo teve como resultado níveis maiores de investimento na economia.

O resultado do primeiro semestre de 2014, que teve queda de 6,8%, só não é pior do que o cenário de 2009. Porém, naquela data a economia mundial atravessava a pior crise de sua história no pós II Guerra Mundial, e o Brasil sentia esses efeitos. Além disso, em termos de percentual do PIB o Investimento **volta ao patamar verificado em 2007**, quando estava em 17,3%. Nesse ponto há um fator limitador importante na economia brasileira, a baixa taxa de poupança interna.



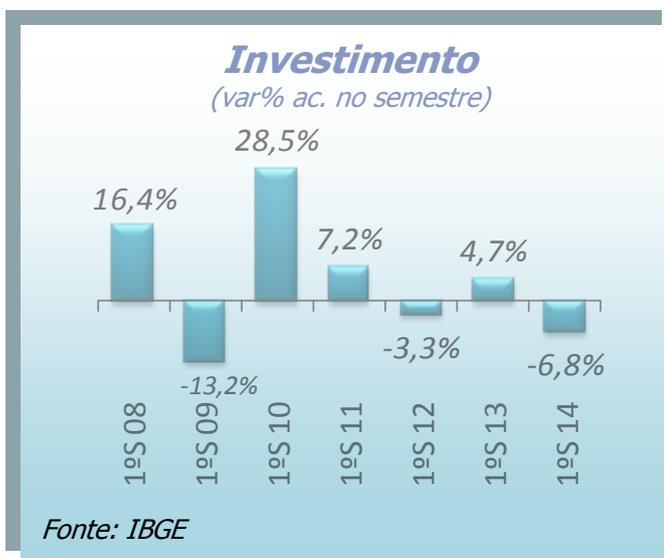
Os motivos também são bastante conhecidos. Em destaque a queda da confiança de empresários com o cenário atual e prospectivo da economia concomitantemente a juros elevados e que não sinalizam trajetória de queda no curto prazo. Além disso, perduram os elevados custos de produção seja para destino no mercado

interno ou exportações, essas prejudicadas por um câmbio valorizado.

Pode-se argumentar que o Brasil atravessa esse cenário de baixo crescimento devido a uma possível crise internacional. Mas isso não procede. A conjuntura externa de hoje é bem diferente da presenciada em 2009. Os EUA e diversos países emergentes que são grandes compradores de produtos brasileiros flertam com crescimento econômico. Mesmo a Europa, apresenta números melhores, apesar de ainda combatida com os efeitos da crise. Por fim, a taxa de juros internacional é baixa, chegando a ficar no terreno negativo

quando medida em termos reais, ou seja, **não há crise no ambiente externo** que justifique essa retração na economia brasileira.

Mas, vale destacar, há apenas um acontecimento que gera impacto negativo no Brasil, a recessão na **Argentina**. Essa é um dos nossos mais importantes parceiros comerciais e, o menor crescimento que se instalou no país vizinho, desde o ano passado, teve repercussões por aqui. Porém, é importante deixar claro dois aspectos. O primeiro é que esse impacto ficou limitado aos **setores exportadores** para aquele país, em especial veículos, máquinas e equipamentos com destaque para máquinas agrícolas e produtos químicos. O segundo é que, por mais que isso tenha representado um choque na economia brasileira, dado o baixo grau de abertura do Brasil, ou seja, as exportações representam pouco para o PIB total, o **impacto é pequeno** para o agregado da economia. Assim, a menor atividade econômica na Argentina pode ser responsável por uma possível crise setorial no Brasil, mas não para o total da economia.

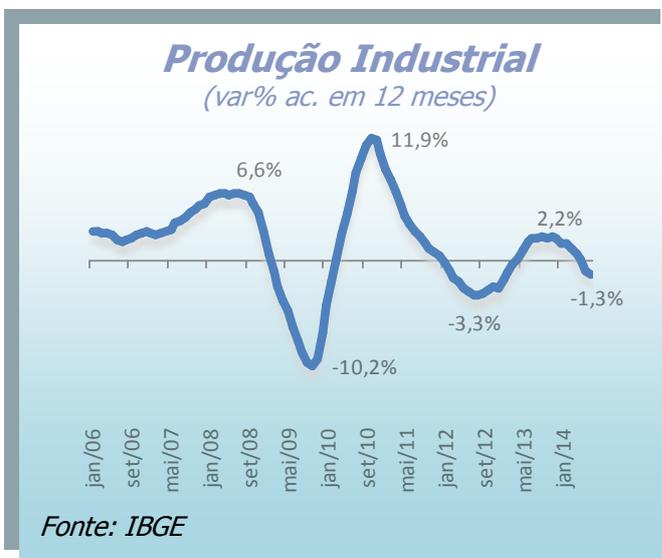


Em termos setoriais ainda é possível ver algumas diferenças de desempenho. Por exemplo, a indústria consolida o cenário de **queda na produção**, acumulando, em 12 meses, -1,3%, puxada em especial pela menor produção de veículos, caminhões e ônibus. Por outro lado, apesar das vendas do comércio apresentar tendência de desaceleração, essas ainda se encontram em patamar elevado.

Boa parte dessa discrepância pode ser explicada pelo resultado das vendas realizadas em hipermercados, supermercados, alimentos e bebidas

junto com as vendas de combustíveis e lubrificantes. Em conjunto, essas duas atividades representam **mais da metade do peso do indicador** de vendas no varejo. Todos os demais segmentos estão com performance mais tímida, e a tendência de desaceleração é mais nítida.

Isso ocorre exatamente porque as atividades acima apontadas comercializam produtos que são considerados menos elásticos em relação a preço. Ou seja, mesmo com menor evolução da renda real, **os consumidores não deixam de comprar em hiper e supermercados** e de fazer uso de combustíveis. Assim é que a inflação elevada pode contribuir para manter essa distorção nos próximos meses, prejudicando mais algumas atividades do



comércio do que outras. O segundo motivo é que a pesquisa do IBGE se aplica apenas a empresas com mais de 20 funcionários e o que se nota nas que empregam abaixo desse número é uma demissão de 13,5 mil no primeiro semestre. Fato esse que não ocorria desde a primeira

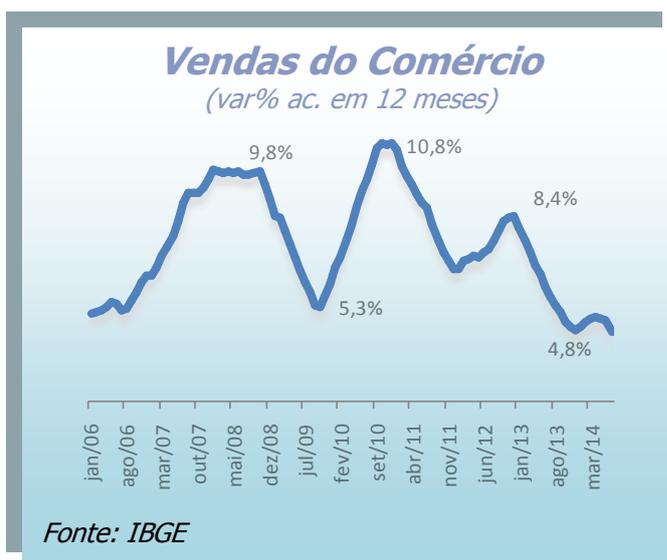
metade da década de 2000.

Portanto, apesar das vendas do comércio continuarem positivas e elevadas, elas **não refletem de maneira fiel o cenário econômico** de retração, e devem ser avaliadas com ressalvas.

As mudanças sobre o **desempenho da economia** para o ano de 2014 e na transição para 2015 passaram de uma perspectiva neutra e um pouco negativa em relação ao que se imaginava no início do ano, para um cenário mais pessimista. Na oportunidade, quando da elaboração das perspectivas em março de 2014, a expectativa era que o PIB tivesse expansão próxima a 2%.

Porém, a atual revisão coloca esse mais **próximo a 0,5%** e com ligeira retomada em 2015, em especial a partir do segundo semestre daquele ano.

Vale destacar que as incertezas sobre a política econômica na virada de 2014 para 2015 ainda perduram. Porém, independente do resultado das eleições o fato é que o país encontra-se com **diversos desequilíbrios** que precisam ser combatidos. Os mais importantes são a inflação elevada e



persistente, a necessidade de controle das contas públicas e o déficit em conta corrente, no que os economistas denominam de tripé macroeconômico, que foi abandonado nos últimos anos.

Enfrentar esses pontos irá demandar do próximo Governo **apoio do Congresso**

e da população, uma vez que os resultados econômicos de curto prazo não são bons, ficando os melhores resultados reservados para o médio prazo. Isto se forem feitas as escolhas corretas do ponto de vista de política econômica.

O Setor de Borracha no Contexto Nacional

O comportamento da indústria de borracha acompanhou o cenário recessivo regional e nacional e a produção de pneumáticos, que vinha em um crescente cedeu e corre o risco de encerrar o ano no negativo.

O principal fator a explicar essa dinâmica é a queda de **produção e vendas de veículos**, seja para o mercado interno ou então nas exportações, em especial para a Argentina. Como a atividade de pneumáticos tem o maior peso

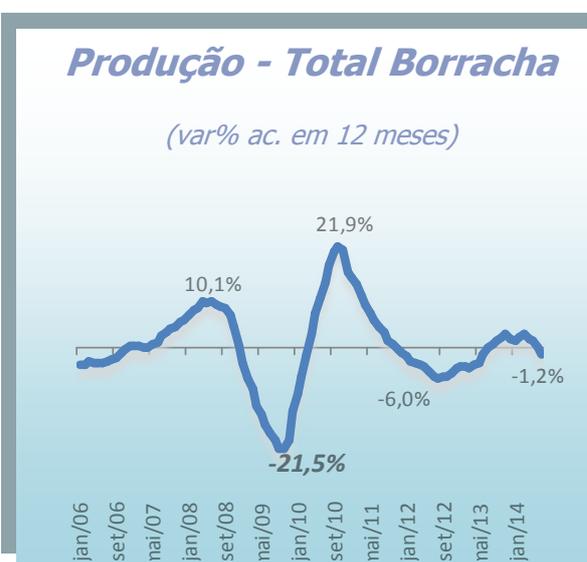
para a indústria nacional de borracha, a queda desse também contribuiu para reverter os indicadores agregados que contemplam artefatos e matéria-prima¹.



queda em pneumáticos, de US\$ 132 milhões.

As demais atividades também tiveram retração, sendo que matéria-prima com -15% resultou em exportações menores da ordem de US\$ 32 milhões. Os produtos de artefatos caíram 13%, voltando ao patamar de US\$ 181 milhões, próximo ao verificado em 2010.

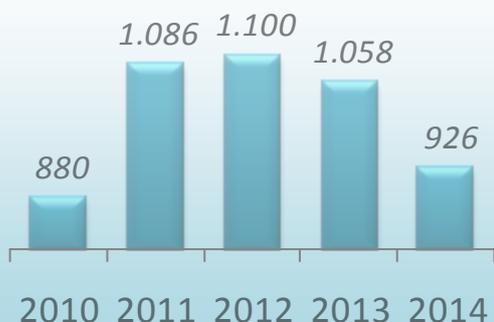
De fato, as exportações nos primeiros oito meses do ano tiveram o pior resultado desde 2010, quando ainda ressentia dos impactos negativos da crise financeira internacional. A queda foi de 12,9% sobre o mesmo período de 2013, que também já havia sido menor do que 2012. No total a receita com exportações de produtos de borracha foi US\$ 200 milhões menor, com destaque para a



¹ Entre a elaboração do último relatório e esse, ocorreu uma mudança metodológica no IBGE que está relacionada à PIM-PF, e não é mais possível fazer a abertura do setor tal como antes.

Quando medido em reais, usando a taxa de câmbio média de cada mês e trazendo a valor presente pelo IPCA, podemos ver que o resultado fica ligeiramente melhor. Isso ocorre devido a dois movimentos, uma desvalorização da taxa de câmbio no período, que resulta em mais reais para cada dólar exportado, e uma inflação

Exportações - Pneumáticos (US\$ milhões - ac. jan-ago)



Fonte: Secex

em dólar se reduz para uma retração de 10,2% em reais e os exportadores do setor amargaram uma receita menor de R\$ 360 milhões.

A piora no cenário interno e externo contribuiu para mudar o sentimento do empresário do setor. De acordo com a pesquisa da CNI, que faz o levantamento dos índices de confiança setoriais, podemos ver que, no caso do setor de Borracha estamos no

Exportações - Matéria-Prima (US\$ milhões - ac. jan-ago)

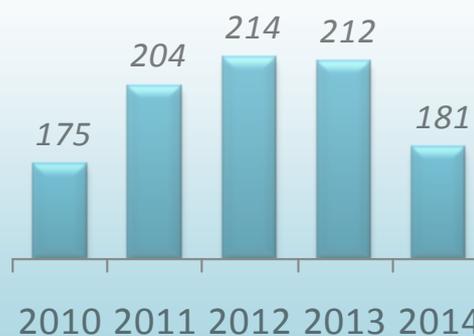


Fonte: Secex

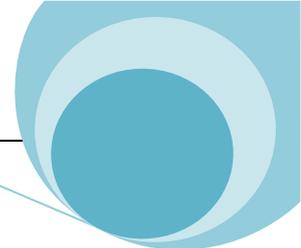
maior, que acaba por influenciar o valor constante de exportações passadas.

Apesar disso, foi uma melhora insuficiente para tornar o valor das exportações, medida em reais, melhor que o mesmo período do ano passado. No total, a queda que era de 12,9%

Exportações - Artefatos (US\$ milhões - ac. jan-ago)



Fonte: Secex



Confiança - Condições Atuais

(Setor de Borracha - Nº Índice)



Fonte: CNI

menor nível histórico, seja para avaliação das condições atuais, perspectivas ou índice de confiança.

Em todos esses o indicador fica abaixo de 50, **signalizando pessimismo**. Porém, o pessimismo é um pouco maior com a situação corrente do que com as perspectivas. Ao final, agregando

esses dois indicadores é produzido o ICEI - índice de confiança do empresário industrial do setor de Borracha, que também está no seu menor nível histórico.

Além dos indicadores acima apontados, calculamos o **consumo aparente do setor de Borracha**,

Confiança - Expectativas

(Setor de Borracha - Nº Índice)

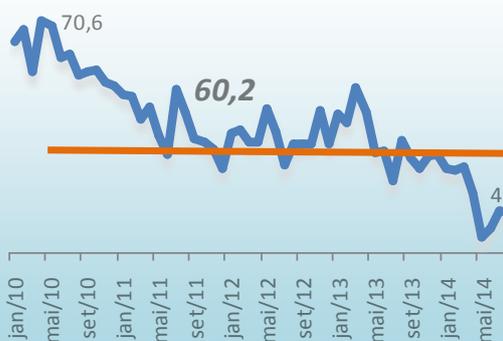


Fonte: CNI

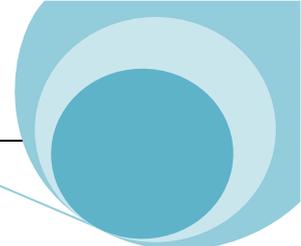
indicador exclusivo do Sindicato. Esse é construído pela diferença entre a produção industrial e a quantidade exportada, agregando ao mesmo, a quantidade importada. Seu objetivo é medir o quanto está evoluindo o consumo interno dos produtos do setor e, além disso, apontar se essa está sendo impactada por produção interna ou importações.

ICEI- Total

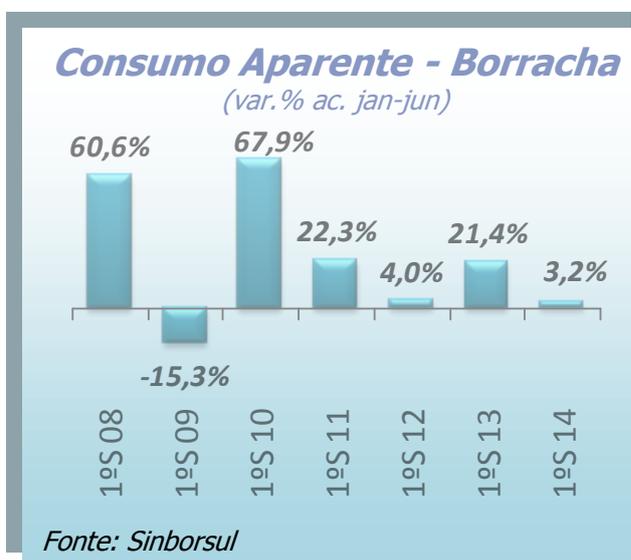
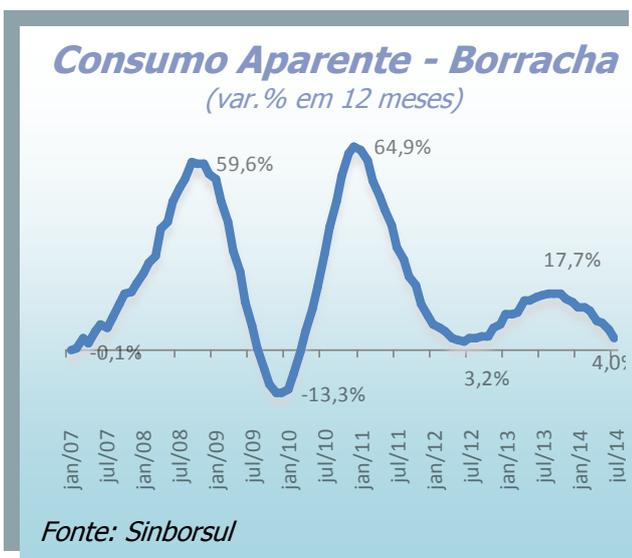
(Setor de Borracha - Nº Índice)



Fonte: CNI



Tal como visto nos demais indicadores do setor o consumo aparente de borracha no Brasil também desacelerou. Em 12 meses encerrados em junho de 2014 o consumo mostra uma expansão de 4% sobre igual período do ano anterior. No ano essa expansão é de apenas 3,2%, o menor resultado para o setor desde o primeiro semestre de 2009. Ou seja, mesmo diante da crise no mercado interno,



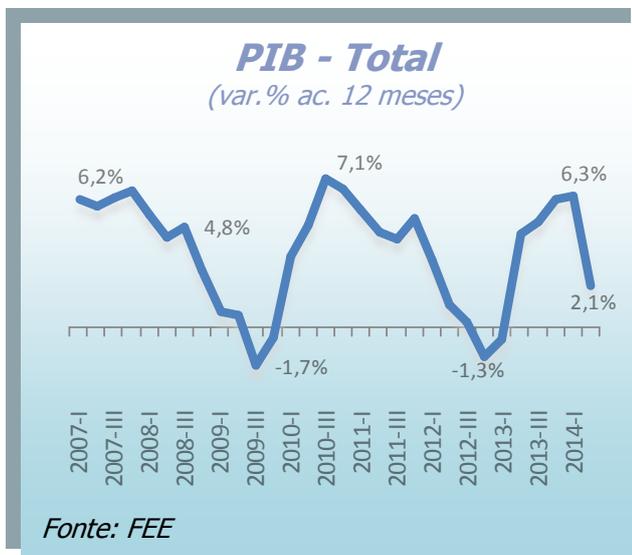
ainda há aumento de consumo de produtos de Borracha.

Como a produção nacional cai 1,2% em 12 meses e a quantidade exportada se mantém estável, é de se imaginar que o crescimento do consumo aparente para o período seja explicado pelas importações. De fato, a quantidade importada aumenta

em 4,2%, mas aponta para desaceleração, tal como verificado nos demais indicadores.

O RIO GRANDE DO SUL EM 2014

A divulgação dos dados de encerramento do primeiro semestre no Rio Grande do Sul mostra uma economia combalida. Após o bom resultado do mesmo período do ano passado, quando o PIB avançou 8,5%, **perdemos dinâmica** e o crescimento de 2014 ficou em meros 0,3%. Um dos menores já presenciados para esse período em anos que não tivemos a influência da seca e ficando inclusive abaixo da média do Brasil, que foi de 0,5%.



Apesar da análise em 12 meses mostrar uma expansão de 2,1%, o fato é que essa reverteu de maneira muito rápida o pico de 6,3% atingido no final do ano passado. E não só sinaliza para uma trajetória de resultado negativo no fim do ano como também não tem perspectiva de reversão no curto prazo.

Além de tudo, o primeiro semestre gera um efeito carregamento negativo para o restante do ano. Se não experimentarmos nenhum choque positivo, o natural será a economia gaúcha **encerrar o ano com queda de 0,2%** sobre 2013. O que pode explicar desempenho tão baixo?

Em primeiro lugar que o número positivo do ano passado é devido a recuperação da produção agrícola, o que distorce sobremaneira a avaliação agregada. Ao perder esse efeito estatístico, o que se vê é um crescimento mais em linha com o que denominamos de produtividade. E, como essa tem limites, a expansão no setor agropecuário é menor. Vale destacar que, no caso da agricultura **os maiores efeitos de safra já foram contabilizados**, restando

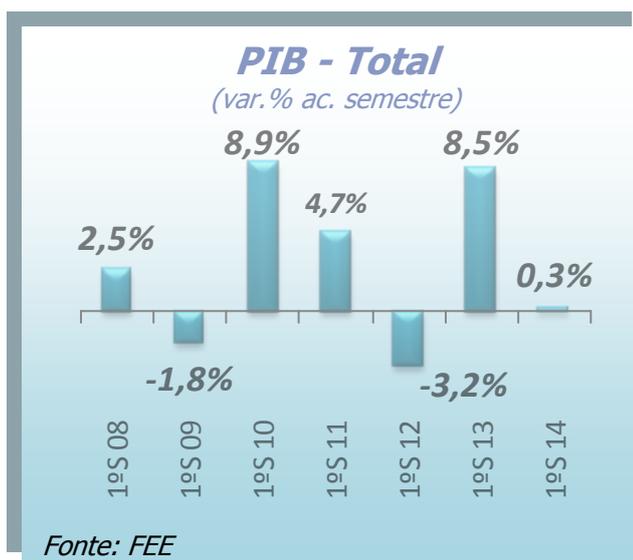
muito pouco para mudanças no número do ano. Portanto, não se assuste se a agropecuária tiver queda em 2014.

O cenário não é diferente na indústria. De um lado a indústria de transformação teve a maior retração desde a crise de 2009. E, para complementar, o PIB da construção civil caiu pela primeira vez também desde 2009.

Os fatores que contribuem para explicar esse resultado na indústria de transformação podem ser divididos em *conjunturais e estruturais*. No primeiro caso cita-se: *i)* a crise na Argentina, que reduziu exportações de produtos manufaturados para aquele país; *ii)* a queda dos investimentos no Brasil, que representou uma menor demanda por máquinas e equipamentos do Rio Grande do Sul; *iii)* o câmbio valorizado, que prejudica a competitividade externa da indústria e; *iv)* os elevados custos do fator trabalho que ainda continuam a crescer acima da inflação. Do ponto de vista estrutural os fatores já são mais conhecidos, como a precária infraestrutura logística, os elevados impostos, a ausência de uma política industrial eficiente e incertezas no ambiente de investimento.

Por fim, o *setor de serviços* é o único que apresenta crescimento em todas os segmentos, com destaque

para o avanço das atividades imobiliárias e de aluguel e de transporte, armazenagem e correio. Aqui nota-se a influência defasada tanto das entregas de imóveis residenciais e comerciais quanto de uma safra recorde. Por outro lado o crescimento de 1,1% do comércio foi o menor desde a crise de 2009,

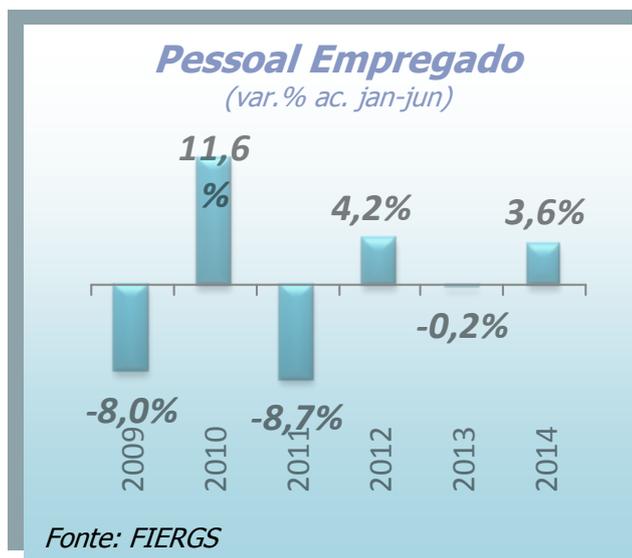


sinalizando que a economia deverá crescer menos nos próximos meses quando considerado esse vetor.

Se a perspectiva era positiva no ano passado devido os efeitos defasados da maior safra de grãos, o que se espera para esse ano é a perda dessa dinâmica e a **consolidação de um cenário recessivo**. A previsão é que o PIB encerre o ano ligeiramente negativo, consolidando a segunda retração em três anos. Nesse caso o que preocupa não é a queda, mas sim o fato dessa ocorrer sem o efeito negativo de uma seca, como foi em 2012. Um sinal claro de que a economia do Estado apresenta menor dinâmica.

O Setor de Borracha no Rio Grande do Sul

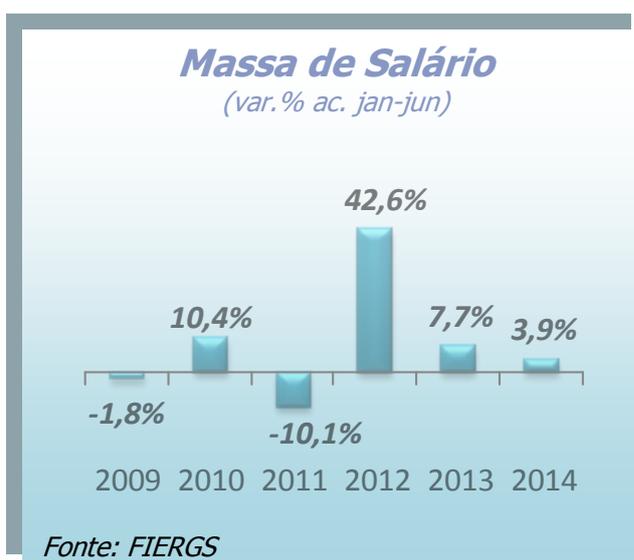
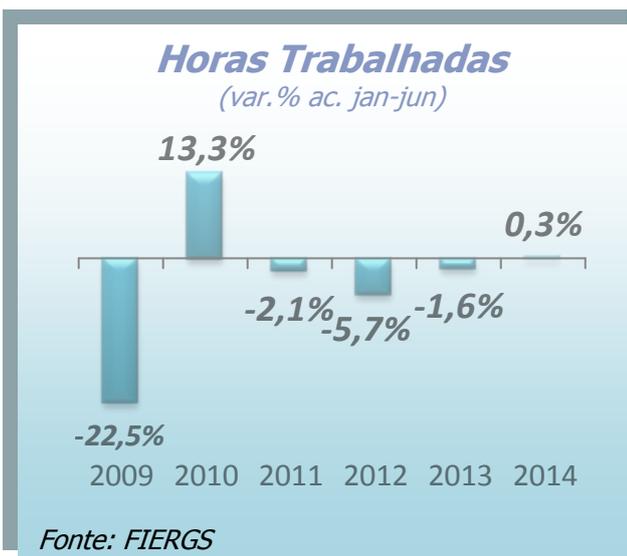
A recuperação do setor de borracha no Rio Grande do Sul no ano passado, logo após os impactos negativos da seca sobre a economia do estado, durou pouco. A queda da demanda do setor de veículos, seja no Brasil ou no exterior, implicou em mudança rápida de direção dessa trajetória.



Assim é que o ano de 2014 se inicia com os indicadores do mercado de trabalho apresentando números mais tímidos e que sinalizam continuidade do processo de desaceleração. No caso do **emprego** o crescimento de 3,6% no período se destaca após a queda no ano passado. Como as **horas trabalhadas** permaneceram praticamente estáveis, aquele pode ter sido o principal fator a puxar o crescimento de 3,9% da **massa de salários real**.

A menor dinâmica das horas trabalhadas deixa entender que deve acontecer uma queda no desempenho do indicador de emprego nos próximos meses. Isso porque diante de uma redução da atividade no setor com a queda das vendas e da produção, é natural fazer o ajuste primeiro

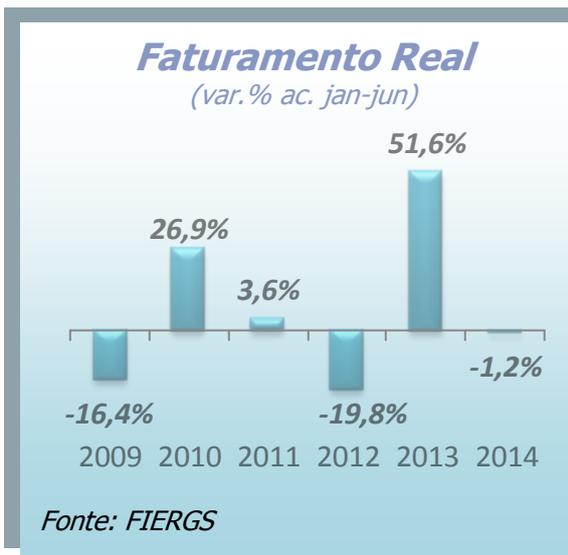
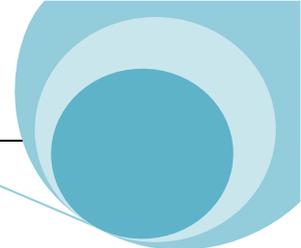
pelos horas trabalhadas. Na medida em que o cenário negativo perdura, o próximo passo é reduzir o emprego. Vale destacar que a tendência de redução das horas trabalhadas e da massa de salário é nítida nos indicadores de 12 meses.



De forma contrária ao que vêm apresentando os indicadores de produção, as **compras industriais** aos poucos mostram sinais de recuperação. Esse comportamento pode sinalizar que, para os próximos meses devemos ter uma retomada da produção. Porém, dada a magnitude do ajuste no mercado,

o crescimento pode ocorrer com vistas a recuperar estoques, e os próximos meses devem confirmar essa percepção.

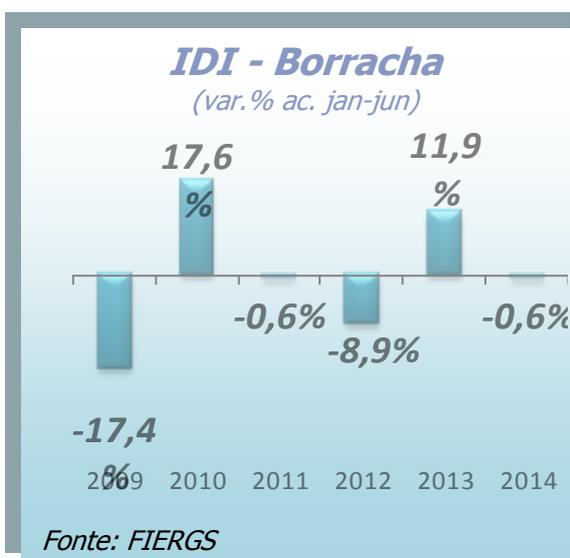
O **faturamento do setor** apresenta queda de 1,2% nesse primeiro semestre. Essa sucede o forte crescimento verificado no ano passado. Porém, vale destacar, naquele momento o setor se recuperava dos impactos da seca



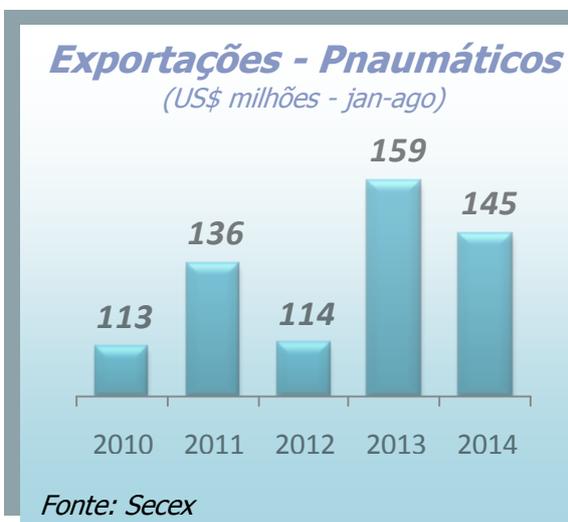
Industrial, resultante da composição dos indicadores anteriores. Nesse caso, é útil para informar o estado da arte no setor de borracha, uma vez que agrega indicadores do mercado de trabalho e relacionados a produção como faturamento. Os dados do primeiro semestre de 2014 mostram um setor com desempenho estável, mas com

que havia derrubado o faturamento em quase 20%. Em 12 meses essa ainda cresce 7%, mas a tendência é de desaceleração nos próximos meses, não sendo descartada a possibilidade de **encerrar o ano de 2014 em terreno negativo**.

A última variável de análise é o **IDI – Índice de Desempenho**

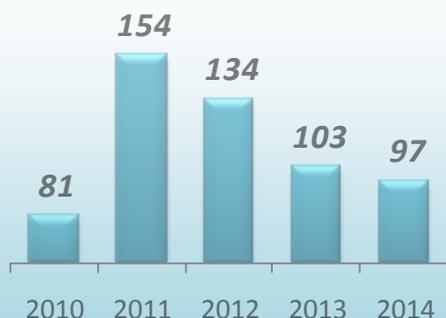


tendência de desaceleração, como apontado na análise de 12 meses.



Por fim, tal como verificado nos demais indicadores do setor e em linha com o cenário nacional, as exportações de borracha tiveram queda de 8,2%, quando medida em dólares, nos oito primeiros meses de 2014 sobre igual período de 2013. Essa resultou em uma receita menor da ordem de US\$

Exportações - Matéria Prima (US\$ milhões - jan-ago)



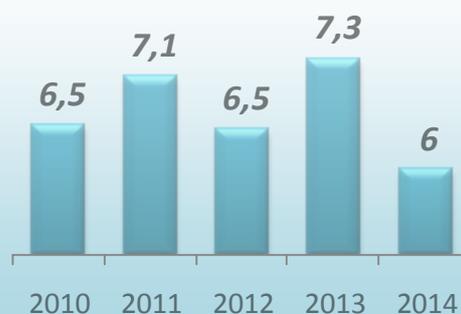
Fonte: Secex

22 milhões.

Todas as atividades analisadas caíram no período, sendo que em pneumáticos a queda foi de US\$ 15 milhões e, em artefatos, teve a maior retração percentual, de 17,8%.

Quando medido em reais o setor exportador de borrachas do Rio Grande do Sul viu sua receita cair de R\$ 612 milhões, nos oito primeiros meses de 2013, para R\$ 582 milhões em 2014. O faturamento menor com exportações em R\$ 30 milhões, em torno de -5%, certamente produziu impactos sobre a atividade do setor, contribuindo para aprofundar a crise que se instalou desde o final do ano passado.

Exportações - Artefatos (US\$ milhões - jan-ago)



Fonte: Secex